



**CÂMARA MUNICIPAL DE JUÍNA - MT**  
**SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO**

**COMPROVANTE DE PROTOCOLO**

 140	Autenticação: 12017/03/06140
<b>Número / Ano</b>	140 / 2017
<b>Data / Horário</b>	06/03/2017 - 09:38:23
<b>Ementa</b>	DISPÕE SOBRE AUTORIZAÇÃO PARA FIRMAR TERMO DE FOMENTO OU COLABORAÇÃO PARA TRANSFERIR RECURSOS FINANCEIROS DO ICMS-ECOLÓGICO PARA A ENTIDADE LEGALMENTE CONSTITUÍDA QUE MENCIONA, COM O FIM DA EXECUÇÃO DO PROGRAMA SÓCIO AMBIENTAL E ECONOMIA DA ETNIA CINTA LARGA, NO EXERCÍCIO FINANCEIRO DE 2017 E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.
<b>Autor</b>	Altir Antônio Peruzzo
<b>Natureza</b>	Matéria Legislativa
<b>Tipo Matéria</b>	PLO Projeto de Lei Ordinária N <sup>o</sup> 13/2017
<b>Número Páginas</b>	45
<b>Comprovante emitido por:</b>	operelio 

**RESULTADOS DAS VOTAÇÕES**

**PRIMEIRA DISCUSSÃO E VOTAÇÃO**

EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

( ) Aprovado por unanimidade  
 ( ) Aprovado por \_\_\_x\_\_\_ votos  
 ( ) Rejeitado por \_\_\_x\_\_\_ votos  
 Abstenções: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do(a) presidente**

**SEGUNDA DISCUSSÃO E VOTAÇÃO**

EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

( ) Aprovado por unanimidade  
 ( ) Aprovado por \_\_\_x\_\_\_ votos  
 ( ) Rejeitado por \_\_\_x\_\_\_ votos  
 Abstenções: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do(a) presidente**



# MUNICÍPIO DE JUÍNA

PODER EXECUTIVO

ESTADO DE MATO GROSSO

Câmara Municipal de Juína - MT  
PROCOLO GERAL 0000140  
Data: 06/03/2017 Horário: 09:38  
Legislativo - PLO 13/2017

## MENSAGEM N.º 017/2017

EXMO. SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE JUÍNA-MT E ILUSTRES PARES:

Submeto à esta Casa de Legiferante para apreciação e votação o presente Projeto de Lei, que dispõe sobre autorização para firmar Termo de Fomento ou Colaboração para transferir recursos financeiros do ICMS-Ecológico para a entidade legalmente constituída que menciona, com o fim da execução do Programa Sócio – Ambiental e Econômica da Etnia Cinta Larga, no Exercício Financeiro de 2017, e dá outras providências.

Senhor Presidente, o presente Projeto de Lei visa, entre outras coisas, com os recursos financeiros do ICMS-Ecológico preservar e assistir as famílias indígenas do nosso Município, mediante a execução do Programa citado acima, que tem como objetivos específicos: proteger a biodiversidade ecológica; preservar e desenvolver de forma sustentável os recursos naturais existentes; zelar pelo bem-estar da etnia em seu habitat natural; desenvolver atividades periódicas de vigilância e fiscalização conjunta e integrada no interior e limites territoriais; implementar ações ambientais que garantam a sustentabilidade sócio- econômica e cultural; implantar atividades produtivas e sustentáveis que garantam a segurança alimentar, e, valorizar e respeitar a cultura por meio do desenvolvimento dos rituais tradicionais.

Em razão do acima exposto, novamente espero e conto com a compreensão e colaboração de todos os Nobres Membros do Legislativo Municipal no sentido da aprovação do presente Projeto de Lei como forma de contribuição no desiderato da busca de um Município mais justo e eficiente para todos os seus habitantes, inclusive, dos Povos Indígenas radicados em nosso Município.

Sem mais para o momento, subscrevo com protestos de consideração, estima e apreço.

Juína-MT, 06 de março de 2017.

  
LUIS BRAZ DE LIMA  
Prefeito Municipal em Exercício

Excelentíssimo Senhor;  
SANDRO CÂNDIDO DA SILVA;  
MD. Presidente;  
Câmara Municipal de Vereadores;  
Juína - Mato Grosso.



# MUNICÍPIO DE JUÍNA

PODER EXECUTIVO

ESTADO DE MATO GROSSO

Câmara Municipal de Juína - MT  
PROTÓCOLO GERAL 0000140  
Data: 06/03/2017 Horário: 09:38  
Legislativo - PLO 13/2017

## PROJETO DE LEI N.º 13/2017

Dispõe sobre autorização para firmar Termo de Fomento ou Colaboração para transferir recursos financeiros do ICMS-Ecológico para a entidade legalmente constituída que menciona, com o fim da execução do Programa Sócio – Ambiental e Econômica da Etnia Cinta Larga, no Exercício Financeiro de 2017, e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE JUÍNA-MT, Faço saber que, a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a celebrar Termo de Fomento ou Colaboração para transferir recursos financeiros do ICMS-Ecológico para a Associação do Povo Indígena Cinta Larga - *Etereputya*, Pessoa Jurídica de Direito Privado, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 08.916.233/0001-40, com sede na OTR Aldeia Rio Seco, s/n.º, Posto Indígena Serra Morena, zona rural, no Município de Juína-MT.

Art. 2.º O repasse financeiro será efetuado em 02 (duas) parcelas, sendo a 1.ª (primeira), no valor de R\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil reais), com vencimento no mês de maio de 2017; e, a 2.ª (segunda), no valor de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais), com vencimento no mês de agosto de 2017, perfazendo o valor total de R\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais), conforme Programa Sócio – Ambiental e Econômica da Etnia Cinta Larga, cuja cópia segue em anexo a presente Lei, dessa passando a ser parte integrante.

Art. 3.º A associação beneficiária para firmar o Termo de Fomento ou Colaboração deverá estar previamente credenciada pelo órgão gestor do repasse, exceto se houver impossibilidade na efetivação do credenciamento.

Art. 4.º Para a celebração, execução e fiscalização do Termo de Fomento ou Colaboração, o Poder Executivo Municipal deverá observar todas as disposições da Lei Federal n.º 13.019, de 31 de julho 2014, com as modificações introduzidas pela Lei Federal n.º 13.204, de 14 de dezembro de 2015, sob pena de responsabilidade.

Parágrafo Único. Para a celebração do Termo de Fomento ou Colaboração, fica dispensado o chamamento público, de acordo com os arts. 30, inciso VI, e 31, *caput*, e inciso II, da Lei Federal n.º 13.019/2014.



# MUNICÍPIO DE JUÍNA

PODER EXECUTIVO

ESTADO DE MATO GROSSO

Câmara Municipal de Juína - MT  
PROTÓCOLO GERAL 0000140  
Data: 06/03/2017 Hora: 09:58  
Legislativo - PL 01120007

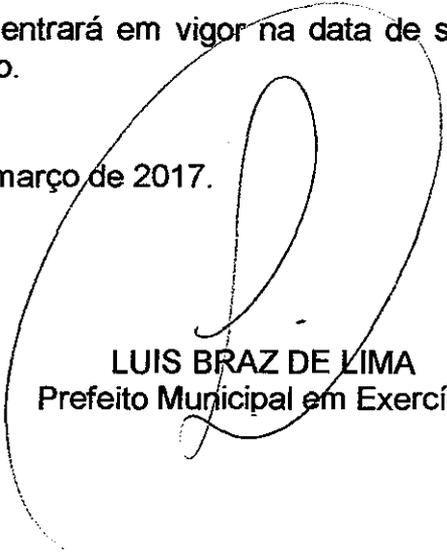
Art. 5.º As despesas oriundas da execução desta Lei correrão à conta dotações orçamentárias próprias, ficando o Chefe do Executivo Municipal autorizado a suplementá-las, caso necessário, com a abertura de crédito adicional suplementar ou especial, observando o disposto nos arts. 43 e 46, da Lei Federal n.º 4.320, de 17 de março de 1964, e respeitados os limites estabelecidos pela Lei Complementar Federal n.º 101, de 04 de maio de 2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal).

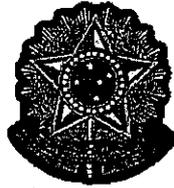
Art. 6.º Fica o Poder Executivo autorizado a fazer as alterações necessárias e proceder à inclusão destas despesas nos instrumentos de planejamento exigidos pela Lei Complementar Federal n.º 101, de 04 de maio de 2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal), entre eles, o Plano Plurianual - PPA, a Lei de Diretrizes Orçamentárias - LDO e a Lei Orçamentária Anual - LOA.

Art. 7.º O Poder Executivo regulamentará esta Lei por Decreto Municipal, sempre que necessário, a partir de sua publicação.

Art. 8.º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Juína-MT, 06 de março de 2017.

  
LUIS BRAZ DE LIMA  
Prefeito Municipal em Exercício



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO  
COORDENAÇÃO REGIONAL NOROESTE/JUÍNA - MT

Câmara Municipal de Juína - MT  
PROTÓCOLO GERAL 0000140  
Data: 06/03/2017 Horário: 09:38  
Legislativo - PLO 13/2017

OFÍCIO N°066/CR/NO/FUNAI-MJ

Juína MT, 02.03.2017

Ao ILMO. PREFEITO MUNICIPAL  
ALTIR PERUZZO  
JUÍNA - MT

Senhor Prefeito,

1. Com os cordiais cumprimentos e em atenção ao pedido da Associação Indígena Etereputya/Cinta Larga, vimos por meio deste encaminhar a vossa senhoria o PROJETO do ICMS - Ecológico/2017, referente ao Programa de Proteção Ambiental, Cultural e Econômica da Etnia Cinta Larga, para ciência, análise e encaminhamentos necessários.

2. Ao ensejo, elevamos nossos distintos votos de estima e consideração pela luta na defesa da causa indígena.

**Adegildo José do Nascimento**  
Coordenador Regional Substituto  
CR/NO/FUNAI/JUÍNA - MT  
Port. PRES n° 1048 - 28/08/2008

**Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral****Contribuinte,**

Confira os dados de identificação da Pessoa Jurídica e, se houver qualquer divergência, providencie junto à RFB a sua atualização cadastral.

Câmara Municipal de Juína - MT  
 PROTOCOLO GERAL 0000140  
 Data: 06/03/2017 Horário: 09:38  
 Legislativo - PLO 13/2017

		<b>REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL</b> <b>CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA</b>	
NÚMERO DE INSCRIÇÃO <b>08.916.233/0001-40</b> MATRIZ	<b>COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE</b> <b>SITUAÇÃO CADASTRAL</b>		DATA DE ABERTURA <b>01/06/2007</b>
NOME EMPRESARIAL <b>ASSOCIACAO DO POVO INDIGENA CINTA LARGA - ETREPUYA</b>			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) <b>ASSEP</b>			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL <b>94.99-5-00 - Atividades associativas não especificadas anteriormente</b>			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS <b>Não informada</b>			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA <b>399-9 - Associação Privada</b>			
LOGRADOURO <b>OTR ALDEIA RIO SECO</b>	NÚMERO S/N	COMPLEMENTO <b>POSTO INDIGENA SERRA MORENA</b>	
CEP <b>78.320-000</b>	BAIRRO/DISTRITO <b>RURAL</b>	MUNICÍPIO <b>JUINA</b>	UF <b>MT</b>
ENDEREÇO ELETRÔNICO		TELEFONE <b>(66) 3566-6827</b>	
ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR) *****			
SITUAÇÃO CADASTRAL <b>ATIVA</b>		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL <b>01/06/2007</b>	
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL			
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.634, de 06 de maio de 2016.

Emitido no dia 05/03/2017 às 19:41:56 (data e hora de Brasília).

Página: 1/1

© Copyright Receita Federal do Brasil - 05/03/2017

ESTADO DE MATO GROSSO  
MUNICÍPIO DE JUÍNA - MT  
FUNAI: FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
COORDENAÇÃO REGIONAL NOROESTE/JUÍNA - MT  
COMUNIDADE INDÍGENA CINTA LARGA

PROGRAMA DE PROTEÇÃO SÓCIO - AMBIENTAL E  
ECONÔMICA DA ETNIA CINTA LARGA

ICMS - ECOLÓGICO

Proponente: ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA CINTA LARGA  
ETEREPUYA

Terras Indígenas: Parque Indígena Aripuanã e Serra Morena

Colaboradora e Parceira:

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

Coordenação Regional de Juína - MT

Sede: Avenida JK, s/n - Bairro Setor Esporte, Juína - MT / Brasil

CEP: 78.320-000 Fone/Fax: 0xx-66-3566.2538

2017



## Apresentação

A Associação do Povo Indígena Cinta Larga Eterepuya tem o prazer em apresentar ao Excelentíssimo Prefeito Municipal, representante da população do município de Juína, (poder executivo e legislativo) uma proposta para o Programa de Proteção Sócio - Ambiental e Econômica da Etnia Cinta Larga, tendo em vista a utilização dos recursos do ICMS ecológico que este município faz jus, tendo em vista abrigarem em seu território, áreas de proteção ambiental, entre as quais as áreas indígenas dos Cinta Larga: Serra Morena, Área Indígena Aripuanã e Parque Indígena Aripuanã.

A Associação do Povo Indígena Cinta Larga Eterepuya é uma organização comunitária que tem como função específica a política indigenista em prol de sua comunidade.

São finalidades da associação junto à comunidade indígena Cinta Larga:

- *a defesa dos direitos indígenas, em todos os níveis;*
- *o apoio à comunidade, contribuindo para sua autonomia e sua preservação étnica e cultural;*
- *o reconhecimento dos seus direitos, em particular à sua organização social, às suas expressões culturais e à demarcação de suas terras;*
- *a preservação do meio ambiente, a valorização do patrimônio cultural e a busca de alternativas sustentáveis de desenvolvimento;*
- *a elaboração, execução e o acompanhamento dos Projetos que atendam os objetivos e anseios da comunidade indígena;*
- *a busca por parcerias e a colaboração com organismos que tenham objetivos afins.*

A associação tem como missão a luta em defesa das causas indígenas, buscando melhoria das condições de vida em diversos setores, tais como defesa dos territórios indígenas, educação diferenciada e de qualidade, saúde preventiva, manejo sustentável dos recursos naturais e fortalecimento

econômico através das atividades sustentáveis que promovam a geração de renda.

Por se tratar de uma iniciativa social e com alcance pedagógico junto àquela população indígena, avaliamos da maior importância uma especial consideração ao pleito que ora apresentamos em nome da comunidade indígena Cinta Larga.

IDENTIFICAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE

**ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA CINTA LARGA ETTEREPUYA**

Presidente: VALDOMIRO CINTA LARGA

CPF: 022.929.501-03

Endereço para contato:

Coordenação Regional da FUNAI, Avenida JK, s/n, Setor Esporte,

CEP: 78.320-000, JUÍNA - MT.

Telefone/Fax: 66 566 2538/6115

E-mail para correspondência: [cr-nomt@hotmail.com](mailto:cr-nomt@hotmail.com)

Fundação: Março de 2009.

CNPJ: 08.916.233/0001-40

Endereço: Aldeia Rio Seco/Terra Indígena Serra Morena - Município de Juína - MT

DADOS BANCÁRIOS:

Banco do Brasil

Agência: 2226 - 8

Conta Corrente: 23.987 - 9

1

## PROGRAMA DE PROTEÇÃO SÓCIO - AMBIENTAL E ECONÔMICO DA ETNIA CINTA LARGA

ICMS - ECOLÓGICO: Emenda Constitucional nº 015 de 30.11.1999  
Lei Complementar nº 073 de 07.12.2000  
Autor: Deputado Gilney Viana

### Objetivo Geral:

O Programa de Proteção Sócio - Ambiental e Econômica da Etnia Cinta Larga em sua essência tem por finalidade à proteção da biodiversidade ecológica e sustentabilidade social nas áreas indígenas Cinta Larga.

O referido programa terá como parceiros a Prefeitura Municipal de Juína - MT, FUNAI: Fundação Nacional do Índio, Associação do Povo Indígena Cinta Larga Eterepuya e a comunidade indígena Cinta Larga, tendo como objetivo principal desenvolver ações estratégicas que venham contribuir na proteção ambiental, preservação cultural e segurança alimentar da referida comunidade, objeto esse, de grande relevância para sobrevivência digna do citado povo em seu habitat natural.

### Objetivos Específicos:

- Proteger a biodiversidade ecológica.
- Preservar e desenvolver de forma sustentável os recursos naturais existentes.
- Zelar pelo bem-estar da etnia em seu habitat natural.
- Implantar atividades produtivas e sustentáveis que garantam a segurança alimentar.
- Desenvolver atividades periódicas de vigilância e fiscalização conjunta e integrada no interior e limites territoriais.
- Implementar ações ambientais que garantam a sustentabilidade sócio-econômica e cultural.





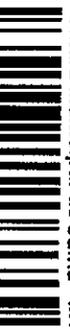
- Valorizar e respeitar a cultura por meio do desenvolvimento dos rituais tradicionais.

### HISTÓRICO CINTA LARGA

O nome Cinta Larga é um designativo genérico criado pelos regionais e adotado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pelo fato do grupo vestir uma larga cinta de entrecasca de árvore em volta da cintura. Segundo as informações disponíveis, não é possível encontrar entre os Cinta Larga algo como uma auto-denominação, um termo geral para o conjunto do grupo - a não ser a alcunha "Cinta Larga", adotada por eles em sua convivência com a sociedade brasileira. Não é possível sustentar traduções apressadas, como às vezes se vê, de expressões genéricas como "nós" ou "nossa gente", que em língua Cinta Larga diz-se pãzérey (pã-, pron.pessoal, 1ª pss. plural; zét, gente, pessoa; -ey, plural). Os Cinta Larga são enfáticos ao dizerem: "A gente não chama, nome quem dá é os outros". Em outras palavras, parece ser preciso um Outro para nomear esse Nós, aquele que, sendo exterior, delimita e designa o seu contrário.

Localizado no sudoeste da Amazônia brasileira, compreendendo parte dos estados de Rondônia e Mato Grosso, o território tradicional desse grupo se estende a partir das imediações da margem esquerda do rio Juruena, junto ao rio Vermelho, até a altura das cabeceiras do rio Juína Mirim; das cabeceiras do Rio Aripuanã até o salto de Dardanelos; nas cabeceiras do rio Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos rios Eugênia, Amarelo, Amarelinho, Guariba, Branco do Aripuanã e Roosevelt. Habitam as terras indígenas Roosevelt, Serra Morena, Parque Aripuanã e Aripuanã, todas homologadas, somando um total de 2,7 milhões de hectares.

A população está distribuída em três grandes agrupamentos. Bem ao sul, nas redondezas dos rios Tenente Marques e Eugênia, estão as aldeias do *Paábíey* ("os de cima"), ou *Obíey* ("das cabeceiras"). Próximos à confluência do Capitão Cardoso com o Roosevelt moram os *Pabírey* ("os do meio"). E, pouco mais ao



norte, nos rios Vermelho, Amarelo e Branco, localizam-se os *Paepiey* ("os de baixo"). Os Cinta Larga pensam a sua distribuição espacial tomando como eixo a direção em que correm as águas dos rios Aripuanã e Roosevelt, que, neste trecho, seguem quase paralelos do sul ao norte. Para isso, empregam as categorias alto/médio/baixo, que regem um espaço orientado em declive, distinguindo os agrupamentos, uns em relação aos outros, de acordo com a posição geográfica que ocupam.

Para entender a distribuição atual da população Cinta Larga é preciso considerar que, ao lado dos códigos espaciais e ecológicos que fornecem termos para identificar os agrupamentos, as relações entre o grupo e a sociedade nacional, em particular a intervenção do Estado brasileiro, consolidou um sistema referencial bastante específico. Foi em meio a um intrincado jogo de pressões, omissões e principalmente concessões a interesses de ordem econômica e política que a Funai veio a definir quatro terras indígenas contíguas, dentro do território habitado pelos Cinta Larga. São elas: Parque Aripuanã, área Roosevelt, área Serra Morena e área Aripuanã. Em continuidade a estas terras estão as terras dos Suruí, Zoró e Arara do Beiradão; além destas, um estreito corredor separa o parque do Aripuanã das terras dos Salumã (Enawenê-Nawê) e Nambikwara do Campo.

### **LÍNGUA E POPULAÇÃO**

A Língua Cinta Larga pertence à família Tupi Mondé, tronco Tupi, assim como as de seus vizinhos Gavião, Suruí Paiter e Zoró.

Em 1969 a população Cinta Larga foi estimada em cerca de 2.000 pessoas. Em 1981 seu número não ultrapassava 500 indivíduos, numa estimativa otimista. A partir daí a população voltou a crescer, atingindo a casa dos 1.032 indivíduos em 2001 e, em 2003, estima-se que esteja na casa do 1.300 indivíduos, sendo que 450 desta população vive no município de Juína - MT.

## HISTÓRICO DO CONTATO

Somente no século XX surgem informações precisas sobre os hoje chamados Cinta-Larga. Dois séculos antes, todavia, têm-se notícias do bandeirante Antônio Pires de Campos que, no ano de 1727, atravessou a chapada dos Parecis. Tendo atingido em sua viagem provavelmente o rio Juruena, fronteira oeste do que chamou "Reino dos Parecis", deparou-se com a "Nação Cavihis" que, pela sua localização e pelos dados etnográficos que deles traz Pires Campos (1862), podem ser aproximados aos atuais Cinta-Larga.

A ocorrência mais remota que, com alguma certeza, fazia referência aos Cinta Larga foi o encontro com a turma de exploração do rio Ananaz, da comissão Rondon, em maio de 1915 - atravessando, portanto, as terras do atual parque do Aripuanã. No começo da viagem a expedição avistou vários grupos Nambikwara, com os quais a comissão já estava em relações amistosas, mas depois, rio abaixo, próximo ao ribeirão dos Perdidos, seu acampamento foi atacado por índios de "nação desconhecida", que mataram o chefe da turma, tenente Marques de Souza, e o canoeiro Tertuliano, enquanto os demais conseguiam fugir (A. B. de Magalhães 1941: 455). A comissão de Linhas Telegráficas, com a chegada dos sobreviventes a Manaus, procedeu a um inquérito, concluindo serem "Araras" os índios atacantes - denominação equívoca que, certamente, deve-se ao uso de várias penas de arara nos cocares e braçadeiras, como é costume dos Cinta Larga e outros Tupi-Mondé.

Durante o século XX diversos incidentes ocorreram marcando a história dos Cinta Larga: em 1928 um bando de seringueiros chefiados por Julio Torres, sob as ordens do peruano Dom Alejandro Lopes, o seringalista que dominava o rio Aripuanã, massacrou uma aldeia de índios então chamados "lamé"- *yamên* é uma forma usual de tratamento entre os Cinta Larga. O caso foi denunciado ao inspetor do SPI, Bento Martins de Lemos (SPI- Inspetoria do Amazonas e Acre 1929: 180-183), que procedeu a um inquérito, com poucos resultados.



Os Cinta Larga que tinham suas aldeias na região do Rio Branco e Guariba, ao norte do território, a atual terra indígena Aripuanã, estavam em guerra com os seringueiros desde a década de 1950, e data destes conflitos a aquisição dos primeiros instrumentos de metal. Se as ferramentas tornaram-se, desde então, o móvel principal da guerra; serão também elas, no discurso dos próprios Cinta Larga, que vão levá-los a buscar relações de reciprocidade com os Zarey, os não índios.

Nessa mesma década de 50 começam a ser registrados os conflitos dos Cinta Larga com feitorias de seringueiros, comboios de garimpeiros e povoados que cresceram nas proximidades das estações telegráficas, em particular Vilhena, José Bonifácio (antiga Três Buritis) e Pimenta Bueno. Alguns grupos de Cinta Larga, migrando para o sul do território, haviam ocupado as cabeceiras dos rios Roosevelt e Tenente Marques, desalojando os Nambikwara remanescentes.

As invasões do território Cinta Larga continuaram ao longo dos anos 50 por firmas de mineração e seringalistas, e a situação se agravou ainda mais à partir da inauguração da rodovia Cuiabá-Porto Velho (BR-364), em 1960. Hostis aos invasores, os Cinta Larga representavam um empecilho à expansão destes empreendimentos, particularmente pelos afluentes Juruena e Aripuanã. Com isto, ganharam proporções alarmantes as operações destinadas a “limpar a área”, organizadas pela firma Arruda e Junqueira e outras, que vinham explorando seringais e pesquisando ouro e diamante na região. Entre os inúmeros assaltos às aldeias Cinta Larga - havendo registros de expedições nos anos 1958, 1959, 1960 e 1962 -, um desses crimes ganhou ampla repercussão, inclusive na imprensa internacional, o chamado “Massacre do Paralelo 11”, gerando denúncias sobre a prática de genocídio de índios no Brasil, pois um dos participantes, Atayde Pereira dos Santos, não tendo recebido o pagamento prometido, compareceu à sede da inspetoria do SPI em Cuiabá para denunciar o caso e apontar seus mandantes (A.P. dos Santos 1963).



A década de 60 continuou em sucessivos conflitos com seringueiros. Em fins dessa década, os Cinta Larga mantinham talvez mais de 30 aldeias, geralmente situadas junto a pequenos córregos, segundo testemunharam sertanistas e missionários que sobrevoaram o território banhado pelos rios Roosevelt, Aripuanã e afluentes. Poucos anos depois, em 1976, um mapa elaborado pelo fotógrafo Jesco Von Puttkamer assinala com precisão 16 aldeias Cinta Larga e dois postos da Funai. Nos anos seguintes a depopulação e a atração que os postos da Funai exerceram, concentrando a população indígena, reduziu substancialmente o número total de aldeias. Na área Aripuanã, onde a Funai só veio a fixar-se em 1984, quando o garimpo Ouro Preto foi desativado, chegaram a existir oito aldeias simultâneas, estabelecidas a distâncias que variavam de dez a cem quilômetros, sendo a população total da área de apenas 90 pessoas. Em 1987, contudo, metade já residia no posto Rio Preto, nome com que a Funai rebatizou o local do antigo garimpo, enquanto as demais se dividiam entre quatro aldeias restantes.

#### **A pacificação: uma outra guerra**

Uma visita dos Cinta Larga surpreendeu os moradores da vila de Vilhena (Ro) em fevereiro de 1965: desarmados, cerca de 60 "índios" acamparam nas proximidades da antiga estação telegráfica, trocaram presentes e assistiram a uma partida de futebol.

Segundo o padre Ângelo Spadari (1984: inf. pess), então pároco naquela vila, um rapaz chegou na casa do telegrafista aposentado Marciano Zonoecê, índio Paresi, e, tremendo, apertou a barriga por sinal de fome. O telegrafista trouxe farinha e açúcar, e logo os outros Cinta Larga aproximaram-se, em pequenos grupos - rapazes, um casal de velhos e uma moça. O destacamento da FAB, situado a seis quilômetros, foi avisado da chegada dos índios, e mandou um caminhão-caçamba com mantimentos, bugigangas e curiosos. Muito tranqüilos, os Cinta Larga permaneceram no posto até quase meia-noite, recolhendo-se aos poucos.



Em junho do mesmo ano, o comandante do destacamento da FAB, sargento Pereira, notificou vestígios deixados pelos Cinta Larga nas cabeceiras do Iquê, a poucos quilômetros de Vilhena, que presumiu andarem em excursões de caça (Arquivos do SPI: microfilme 236, planilha 505). Em maio de 1966, no entanto, uma nova visita à antiga estação telegráfica degenerou em conflito. No meio da tarde, cerca de 20 Cinta Larga, sendo apenas uma mulher, vieram aparentemente em "missão pacífica", caminhando pelo picadão da linha telegráfica, e foram recebidos amistosamente pela família de Marciano, pelo boliviano Victor Garcia e por Anízio Ribeiro da Silva, apelidado "Parazão", trabalhador do 5º BEC - Batalhão de Engenharia e Construção. Mas um disparo acidental, de um caçador que vinha no caminhão do BEC para se confraternizar com os visitantes, provocou uma resposta repentina dos Cinta Larga, que flecharam mortalmente Parazão e seu cachorro, e feriram o boliviano Victorio e a filha de Marciano. Esta reagiu a tiros de espingarda e, com a chegada do caminhão, os Cinta Larga fugiram.

Nesse período, os garimpeiros chegavam às centenas, vasculhando a região atrás de diamantes, ouro e cassiterita, e os conflitos eclodiam dramáticos. Nos últimos anos da década de 60, as hostilidades se acirraram com casos de Cinta Larga flechando diversos regionais em mais de um episódio e, em outros momentos, sendo alvejados a tiros por seringueiros e outros habitantes da região.

Pensando tratar-se da mesma etnia que já freqüentava o posto Sete de Setembro, a Funai logo providenciou o afastamento dos garimpeiros e instalou o sub-posto Roosevelt, aproveitando a curta pista de pouso e os barracões construídos pelos garimpeiros. E assim deram continuidade aos contatos com os Cinta Larga. Em fins de 1971, porém, os Cinta Larga mataram os dois funcionários da Funai e incendiaram o acampamento. Na versão apresentada por Pichuvy, um garimpeiro compareceu a uma festa na aldeia, mas foi impedido de "namorar" uma das índias e teria passado veneno no pilão de fazer chicha, causando grande mortalidade. Na verdade, foi uma virulenta epidemia de gripe que dizimou a

população de várias aldeias. Os sobreviventes pretenderam vingar-se, e atacaram o acampamento onde a Funai se instalara recentemente. Para os Cinta Larga esta seria a explicação mais plausível para uma doença tão letal, até então desconhecida. São freqüentes as acusações de envenenamento quando há mortes ou doenças, uma vez que tal técnica de agressão é muito usual.

Ao longo de sua história de contato, a relação entre os Cinta Larga e a sociedade nacional é bastante singular: todos os contatos amistosos foram estabelecidos por nítida iniciativa dos indígenas. Desta forma, poderíamos dizer que foram os Cinta Larga que pacificaram os "brancos"; feito inédito, em janeiro de 1974 a "pacificação", partiu ostensivamente dos próprios Cinta Larga. Quando narram a visita à cidade, com efeito, os Cinta Larga que participaram da aventura explicam que desejavam obter ferramentas - *dabékara weribáte*: os machados e terçados estavam acabando. E rememoram os momentos dramáticos da empreitada, que deu-se através de aproximações sucessivas. Observando a rota dos aviões que tornavam-se mais assíduos em Aripuanã desde o início do "Projeto Aripuanã" (o Núcleo pioneiro de Humboldt, da Universidade Federal de Mato Grosso), eles vieram para *Paikini*. E hoje *Paikini* designa para eles este acontecimento, vocábulo que os moradores de Aripuanã pensaram significar "amigo". Os Cinta Larga queriam encontrar-se sim, e receber os desejados instrumentos de metal - alterando com isso, radicalmente a natureza que até então mantinham com os *Zarey*.

#### ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Os grupos Cinta Larga são *Mân* (com várias subdivisões), *Kakín* (com subdivisões) e *Kabân* (sem subdivisões). É provável que, anteriormente, houvesse maior nitidez na distribuição demográfica destas divisões: Os *Kabân* ao norte, na região dos rios Branco e Vermelho, os *Mâmderey* no meio, e os *Mâmjiwáp* nas cabeceiras dos rios Tenente Marques e Eugênia. Após a instalação dos postos da FUNAI foram feitos sucessivos remanejamentos mudando a ocupação espacial desses grupos.

A família é a unidade significativa da organização social Cinta Larga: praticamente auto-suficiente e com grande liberdade para movimentar-se de uma aldeia para outra. Um homem, suas mulheres e os filhos desenvolvem as atividades complementares necessárias para a vida cotidiana. As aldeias maiores - cada aldeia possuía uma ou duas casas grandes - comportavam na área de Aripuanã de três a cinco famílias: o dono da casa, suas esposas, seus filhos casados ou solteiros, filhas solteiras e noras, talvez seus irmãos e famílias, às vezes suas filhas casadas e genros..

Com efeito, a aldeia é assim constituída e reunida em torno de um homem de prestígio - zápiway, literalmente, "dono da casa". . A liderança que este homem exerce decorre, como ponto de partida, da sua disposição para tomar iniciativas, como construir uma nova casa, abrir uma roça, oferecer festas e, também, promover arranjos matrimoniais.

Fundada assim por um homem disposto a ter sua própria *záp* - o termo designa simultaneamente o local e a construção -, a aldeia se mantém enquanto perduram as condições ecológicas e políticas necessárias: abundância de caça, faixas de terras férteis nas proximidades, boas relações com as aldeias vizinhas. Arruinando-se estas condições, as mudanças de local acontecem em intervalos de cinco anos ou pouco mais.

A relação de descendência entre pai e filho, portanto, parece oferecer a base para a coesão de uma aldeia Cinta-Larga - o que a distingue, ao que tudo indica, do modelo Zoró, onde a escolha residencial uxorilocal reúne, de partida, genro e sogro e afasta os filhos homens. No caso Cinta Larga, a escolha é evidentemente patrilocal, embora condicionada a injunções de natureza política. Costumam os filhos homens, com suas esposas e filhos, morarem juntos às vezes até a morte do pai, quando então se separam para fundarem suas próprias aldeias. Estas, porém mantêm uma relativa proximidade geográfica, em média de 10 a 15 quilômetros uma das outras, e seus membros costumam visitar-se com bastante freqüência, a passeio ou para outros intercâmbios.

Tradicionalmente, sobretudo antes dos contatos com a FUNAI, a aldeia cinta larga era constituída por uma ou duas casas que abrigavam uma linhagem patrilinear. Com a intensificação dos contatos com agentes da sociedade nacional, passaram a constituir aldeias com casas que abrigam uma família nuclear de diferentes linhagens.

Esse movimento de concentração e dispersão, ordenação e reordenação é regulado, em parte, pelas relações de parentesco (onde o "dono da casa" congrega um grupo de agnatos); ciclos ligados a caça e colheita; atritos e desavenças políticas; além do contato entre índios e sociedade nacional.

A situação após o contato com a FUNAI tornou ainda mais instável o equilíbrio das relações políticas, devido principalmente à aglutinação das casas de famílias nucleares em torno dos postos, juntamente com a difícil relação dos Cinta Larga com as cidades da região, e os invasores do território - como as madeireiras, garimpeiros e outros intrusos -, com os quais muitas vezes o grupo mantém relações de troca. Sendo assim, há algum tempo, a solução que muitos encontraram foi selar contratos com madeireiras e garimpeiros abrindo a área à extração de madeira, ouro e diamantes. Quando o grupo não alcança consenso interno nesses acordos comerciais, novas cisões ocorrem. Mas, mesmo quando o consenso é encontrado e o grupo como um todo concorda com tais empreendimentos, a dispersão prossegue. Sendo assim, o dinheiro obtido com as transações faz com que alguns jovens casados passem a manter casas em cidades da região, onde residem com uma esposa não-índia, visitando a aldeia de tempos em tempos. Em todas essas situações os valores que tradicionalmente sustentavam o prestígio das chefias tendem a se modificar.

### Parentesco

Ainda que não despido de uma certa dose de competição, o relacionamento entre irmãos é marcado por expressiva solidariedade e familiaridade. E

geralmente, um desses irmãos exercita uma certa ascendência sobre os demais, sendo reconhecido como *zábiway* da área.

A filiação às divisões é, por regra, estritamente patrilinear. Há indivíduos, ainda, a quem se atribui uma dupla filiação, alegando que dois homens, de divisões diferentes, participaram de sua concepção, porque ambos tiveram relações sexuais com sua mãe. São, como eles dizem, “misturados”. Assim uma pessoa poderia ser *Kabân* e *Mâmgip* ao mesmo tempo. A dupla filiação, entretanto, não se transmite aos seus filhos, os quais apenas carregarão a divisão preponderante do pai, traçada a partir do marido da mãe do pai, ficando obscurecida a filiação secundária que derivava de relações extra-conjugais. Isto é, um homem *Kabân/Mâmgip* “misturado” portanto, contribui todavia para o filho unicamente com a qualidade *Kabân*, que é a divisão do seu “pai verdadeiro” (*zóp teré*), marido de sua mãe.

#### Nominação

O sistema de nominação vem recortar um certo campo da vida social, centrado na esfera doméstica, consolidando laços de consagüinidade e de aliança. Para os Cinta Larga, diferentemente dos Suruí (Mindlin 1985) e dos Zoró, a nominação não formula modos de adereçamento, papel que cabe à terminologia de parentesco, às regras de etiqueta e, com destaque inusitado, aos apelidos. Em geral, os “nomes verdadeiros” são dados ao conhecimento apenas dos familiares próximos e das pessoas de sua confiança. Signos da individualidade por um lado, índice de intimidade por outro, os “nomes verdadeiros” dos Cinta Larga são para guardar, e estão por isso afastados da vida diária, são os *set teré* (“nome sigiloso”). No cotidiano, outras formas de identificação são usadas, representando também certos recortes da vida social, colocando em evidência algumas relações, alguns contextos.

Ao nascer, a criança recebe um primeiro nome: se menino, de seu *kokó* (tio materno) ou de seu *kiña* (avô ou avó paternos), se menina, de sua *zobey* (avô ou



avó maternos). Destaca-se o objetivo individualizante dos nomes: traduzem uma característica ou alguma marca pessoal, física ou de comportamento. Por exemplo, *Oy Páidy* (“dono do veneno”), *Dáiéy Akára* (“matador de civilizados”), *Oy Pereá Tiri* (“homem bom matador de bicho”), *Poposãmpirakira* (“caçador de aves”), *Jápã Goroeý Aká* (“muitas flechas para matar”) e o *Oy Ándát Kabira* (“homem cabeça pequena”), são nomes de homens. E *Zêgina* (“fecunda”) e *Pãgópakóba* (“a que aprende a falar”), de mulheres. Ao longo de sua infância, o pai ou o *zábiway* da aldeia - talvez, também outros parentes -, poderão atribuir um segundo ou um terceiro nome à criança, inspirados agora nas circunstâncias ou acontecimentos de sua vida. Dentre os nomes escolhidos, embora marcas de individualização, nada impede a ocorrência de homônimos.

Há outros indícios de que, no sistema Cinta Larga, o princípio da consangüinidade constitui um modelo privilegiado para expressar identidades sociais de ordens diversas, a exemplo das divisões patrilineares e dos grupos locais. Particularmente, a própria noção de parentesco é pensada pelos Cinta Larga enquanto consangüinidade, ou mais propriamente, germanidade (relação entre irmãos de mesmo pai e mesma mãe). Há duas formas de perguntar acerca da relação entre duas pessoas: *Me ã te zá kayá* (“Como você o chama?”), que sublinha o sentido classificatório do parentesco, e *Tet êzâno* (“Ele é seu parente?”). A palavra *zâno*, aqui servindo de termo geral para parentesco, tem antes, num contexto mais preciso, o significado próprio de “irmão”.

Para os Cinta Larga, a fertilidade não é uma qualidade inata das mulheres, mas deve-se à ação da divindade *Gorá*, que se introduz pela vagina das meninas, quando estas ainda engatinham. Já a paternidade é atribuída a todos aqueles homens que “ajudaram a fazer” a criança, isto é, que mantiveram relacionamento sexual com a mulher no curso de gestação. Com isto a mãe estará obrigada, no momento em que a criança estiver apta a compreender, a indicar-lhe os outros “pais” para que possa dirigir a eles o tratamento correto, *piípa*.

## Casamento

As meninas costumam casar, pela primeira vez, entre oito e dez anos, sendo que a sogra - a observar-se a escolha preferencial de casamento, os sogros e os avós maternos, na perspectiva feminina, coincidem - encarregar-se-á de sua educação, tarefa diretamente ligada ao marido. Isso dá devido ao casamento avuncular, realizado entre o tio materno e sua sobrinha, uma vez que nesse tipo de união, para a cônjuge, os sogros e os avós maternos são a mesma pessoa.

Passando a viver no grupo do marido (patrilocalidade), ela continuará, por alguns anos ainda, a brincar com as demais crianças, e somente assumirá responsabilidades domésticas (cozinhar, colher, tecer etc.) depois da primeira menstruação. Com a menarca (a primeira menstruação), ritualmente marcada por um período de reclusão, também virão as relações sexuais entre os cônjuges. É interessante notar que, sinal desta passagem para uma nova fase, marido e mulher usam pintar-se o corpo de genipapo: zigue-zagues, listras e pontos, no rosto, um padrão típico, formado por uma linha larga horizontal e pontos.

Por vezes, algumas meninas passam de um marido a outro, e em certos casos retornam aos pais, antes de consolidar-se um casamento mais estável - o que, freqüentemente, vai ocorrer com o nascimento do primeiro filho. Exemplo, uma mulher *Kakin* da área *Aripuanã* primeiro foi dada a um *Kâban* irmão de sua mãe (tio materno); este daí entregou-a a seu filho mais velho, mas, depois, ela veio a casar-se com um meio-irmão do primeiro, com quem teve filhos e permaneceu unida.

Por outro lado, são comuns casamentos de rapazes com mulheres mais velhas, viúvas ou esposas de parentes polígamos - seja porque suas irmãs ainda não tem filhas núbeis, seja por outros motivos, é raro a união de rapazes com meninas novas. Inexperientes e com pouco prestígio, quando pensam em buscar esposas em outras aldeias ou áreas distantes, os rapazes recorrem sempre a um parente mais velho: o intermediário dirige-se ao pai, irmão ou marido da noiva, e entoa a



“fala cerimonial” em favor do rapaz. Uma forma indireta, com as mesmas conseqüências, é o casamento com a ou uma das esposas do pai (com exceção da própria mãe), que, por vezes, dá-se como um reconhecimento, a contragosto, de uma situação de fato, a partir do envolvimento sexual do filho com a mesma.

Em seu sistema de alianças, o casamento avuncular (casamento da filha com o irmão da mãe) tem um lugar especial. Os Cinta Larga formulam a regra de maneira clara: “casamento bom”, dizem eles, é com a filha da irmã. “*Com a filha de irmã meu eu casa*”, é a lição do mito relatado por Pichuvy (Cinta Larga informante de João Dal Poz), no qual os irmãos foram convencidos pelo marido da irmã a esperar o nascimento da sobrinha, para com esta casar e morar.

*“Disse que o primeiro tinha mulher, três irmãos de mulher e outro índio marido de mulher. Índio tinha vontade de transar com mulher. Marido dela falou:*

*-Vocês não podem transar essa mulher! Trata-se da irmã de vocês- falou assim- eu vou fazer suas mulheres! Quando minha filha nascer, aí vocês casam com ela... moram com ela.*

*Por isso que os Cinta Larga casam com a filha da irmã.”*

### Poligamia

A poligamia é largamente praticada pelos Cinta Larga, em arranjos variados. Em geral as esposas distanciam-se em idade, quando meninas adolescentes são incorporadas à família como segunda ou terceira esposa. É muito comum, por exemplo, um homem tomar em casamento a irmã mais nova de sua esposa, ou então uma irmã classificatória desta. Casar-se com uma viúva permite, às vezes receber também ao mesmo tempo, a filha desta como segunda esposa. Grosso modo, o número de esposas de um homem serviria como índice de prestígio, força política e, num certo sentido, riqueza - embora a poligamia não seja, entre os Cinta Larga, um apanágio exclusivo dos chefes ou “donos da casa”, *zápiway*, são eles os principais beneficiários.

A estratégia matrimonial contempla várias formas e alternativas para realizar-se. O relacionamento entre os sexos, a despeito destes fatos, longe está de um processo aleatório, ao contrário, é resultado do jogo de interesses e poder reservado aos homens. Como corolário, é o chamado “roubo de mulher”, isto é, o envolvimento e posterior fuga com alguém de uma outra comunidade, cinta larga ou não, sem o consentimento do pai, irmão ou marido, que vem transtornar a vida da comunidade, pois coloca em questão a autoridade masculina, e muitas vezes leva à guerra. As mulheres são, declaradamente, o pretexto ou pivô de quase todos os conflitos. Mas estes se resolvem enquanto “confrontos entre homens”, percebidos que são como disputas de interesses de grupos comandados por homens. E, neste sentido, “trocar mulheres” pode ser o início de uma convivência pacífica entre grupos, resolvendo pendências por meio de um processo baseado na reciprocidade.

### Socialização

Sabe-se que o nascimento de uma criança inaugura um tempo forte, marcado, para o casal e a família: traz inúmeros riscos, exigindo cuidados de toda ordem. No caso Cinta Larga, a liminaridade explica-se porque está em questão a separação entre homens e animais. Período consagrado a moldar o ser social da criança, submetem-na a banhos de ervas, massagens e rezas, dão-lhe um nome e “conversam” constantemente com os recém-nascidos. Quanto ao resguardo alimentar, trata-se de equacionar uma relação unívoca, necessária para identificar a criança enquanto membro da sociedade.

O processo de formação dos indivíduos tem como direção dominante a constituição da personalidade independente, auto-suficiente. Até três ou quatro anos a criança é companheira inseparável da mãe. Quando já se movimentava e fala com desenvoltura junta-se a pequenos bandos que imitam os adultos na coleta de frutos, na captura de pequenos animais e peixes. O resultado é a formação de uma postura desenvolta e algo turbulenta, que mantém ativa a disposição de reagir a qualquer fato do seu desagrado. É no jovem por volta dos

16 anos que essa postura melhor se expressa. Destemido, o jovem Cinta Larga parece não aceitar limitação, imposição ou ordens de ninguém. Sabe pedir o que quer diretamente, sem rodeios, e nenhum é bajulador ou servil. Pouco a pouco meninas e meninos dominam as técnicas de trabalho relativas ao seu sexo, preparando-se para a vida pública.

O estilo de vida caçador dos Cinta Larga pode ser visto na própria infância. Desde pequenos, os meninos andam por todo o lugar carregando seus arquinhos e flechinhas, quase sempre perseguindo calangos e borboletas. Maiores, passam a acompanhar seus pais nas caçadas, e na adolescência vão caçar com seus companheiros, colaborando aos poucos para a alimentação da família.

A partir dos sete anos submetem-se a perfuração do lábio inferior, onde passam a usar como adorno um pequeno bastão de resina de árvore. A menina entra em reclusão dentro de sua própria casa durante sua primeira menstruação. O menino, à medida que passa a ter sucesso nas caçadas que realiza em companhia de adultos e, antigamente, quando participava com sucesso de incursões guerreiras, passa a compor suas próprias canções que relatam seu êxito. Finalmente quando o homem se casa com a filha de sua irmã, fazendo o ingresso definitivo na vida adulta, a passagem é marcada pela cerimônia de entrega de presentes rituais (flechas ricamente adornadas) ao sogro, e pelo compromisso de cuidar e tratar bem da esposa que é recitado num diálogo discursivo que tem com o pai da noiva e os pais classificatórios da noiva.

Em traços gerais, a vida econômica dos Cinta Larga organiza-se segundo três eixos: divisão sexual do trabalho, oposição entre aldeia e floresta e alternância das estações.

No período das chuvas, concentram-se na aldeia; dispersam-se no estio. Na floresta, a predação; em casa, a transformação em comida e artesanato. Os homens, exímios caçadores; as mulheres, cozinheiras. A bem dizer, as linhas divisórias, na prática, não parecem tão exatas, e muitas mediações e



versatilidade permeiam as tarefas cotidianas. Não é raro ver um homem rachando lenha se no jirau está a carne para moquear, mesmo que a mulher não tenha uma criança de colo para cuidar. Jamais, porém, um homem tece algodão ou faz chicha, nem uma mulher carrega arco e flecha para caçar.

Os Cinta Larga denominam o ciclo anual de *gao*, que num sentido estrito é a estação seca (julho-outubro). A estação chuvosa é *zoy* (janeiro-abril) - “chuva”, na tradução. Os períodos intermediários são chamados *māgábiká*, “tempo da roça” (maio-junho) e *gao weribá*, “fim da seca”, ou “fim do ano”. As atividades econômicas e sociais distribuem-se desigualmente em relação as estes quatro tempos.

### Pesca

Os Cinta Larga preparam flechas especiais (longas hastes de madeira, sem lâmina na ponta), para atirar em peixes, desde a margem do Igarapé. Hoje em dia, pescam também com linha de nylon e anzol. Embora praticadas ao longo do ano inteiro, é nos meses de novembro a janeiro, quando os rios voltam a encher e os peixes sobem seus cursos, que estas pescarias (*borípey*) dão melhores resultados, principalmente nos poços e corredeiras. Na área Aripuanã, ainda, pescam piranhas, e, no rio Branco, surubins durante a estação seca.

Ao invés de grandes rios, os Cinta Larga se situam nos pequenos igarapés, onde usufruem da variação ecológica dos meses de estio, com as correntes d’água minguadas e muitos poços onde os peixes refugiam-se. É quando saem para acampar e bater timbó.

Nestes acampamentos (*gerep*), nos meses de agosto e setembro, organizados por duas ou três famílias, vive-se o que parece ser o ideal de vida Cinta Larga: comida farta (peixe, mel e tudo mais que se pode encontrar), ordem temporária e precária, improvisação e liberdade de movimentos. É na floresta que os Cinta Larga se sentem bem: “Dormir no mato é bom”, confirmavam eles. À distância de poucas horas de caminhada, ali passam cerca de uma semana, antes de



retornar à aldeia, dias depois, com uma nova carga de mandioca e cará, tomam um outro rumo, para um novo acampamento.

Para bater timbó escolhem certos locais propícios: grandes poços, água parada, muitos peixes. *Itaká* (“bater n’água”) ou *bókobóko* (vocábulo onomatopaico) é, em geral, uma atividade que exige a cooperação de vários homens. Primeiro cortam o cipó (*dakáptapóa*) e amarram em feixes; às vezes utilizam também cascas de uma árvore leitosa, acondicionadas em cestos de folhas de palmeira. Com cacetes, vão batê-los à montante, ocupando-se até meados da tarde. Os peixes começam então a virar, e são flechados ou pegos com a mão, mas é só no dia seguinte que as águas e as margens, por vezes ao longo de um quilômetro ou mais, estarão coalhadas de peixes mortos. Crianças, mulheres e homens, todos participam, recolhendo-os em fieiras. São daí assados em jiraus, os menores em “pacotes” feitos de folhas novas de babaçu.

### Agricultura

Dedicam um tempo muito reduzido às práticas agrícolas, as quais, inclusive, são depreciadas frente à aventura da caça. Faz-se, assim, o estritamente necessário: derrubadas e queimadas pelos homens, mas plantadas com a ajuda das mulheres. As roças quase não recebem limpeza ou capina posterior, dificultando sobremaneira o trabalho da colheita, paulatinamente realizado pelas mulheres.

A agricultura é, por outro lado, responsabilidade dos homens casados: quem não tem mulher, normalmente não tem roça. A iniciativa e o esforço indicam o proprietário de uma roça, mas existe muita cooperação entre todos. Ainda que cada homem casado da aldeia tenha a sua, a roça de maior extensão é, em geral, a do *zápiway*, “o dono da casa”. É como se, em certa medida, a moradia e a roça fossem inerentes à função de chefia - e, veremos no item “festa”, que casa e comida estão entre os elementos ritualizados na festa. Vale lembrar que, para convidar parentes e aliados para festejar, é necessário abrir roças bem maiores

que as habituais, obrigando os moradores da aldeia anfitriã a, no ano anterior, redobrar os esforços agrícolas.

Após escolher a área, o “dono da roça” começa a brocar a vegetação rasteira em fins de maio. Já nesta fase, como também para a derrubada das árvores maiores, que vai até julho, e para o plantio, que inicia em setembro, ele convida constantemente alguns homens disponíveis, casados e solteiros da aldeia, ou quem por lá esteja de visita, ou passagem.

O trabalho nos roçados, ao qual dedicam as manhãs e os fins de tarde, acontece de modo descontínuo, intercalado por caçadas, pescarias, acampamentos, viagens e dias de descanso.

O milho (*mék*) é o primeiro a ser plantado; depois aos poucos, variedades de mandioca (*xíboy*), cará (*moñã*) e inhame (*mãkap*) e um outro tubérculo feculento, *marãjia*, que se come cru e cujas sementes parecem feijões grandes. Hoje, plantam também arroz, feijão, mamão e banana.

Os Cinta Larga não plantam a chamada “mandioca brava”, ou sequer dispunham de um processo para fabricar farinha - alimento típico dos históricos Tupi do litoral e outros deste tronco lingüístico. Com isso, a possibilidade de armazenar alimentos é reduzida: a não ser as espigas de milho, que são estocadas em paiol na roça ou em feixes amarrados no teto da maloca, a colheita dos demais produtos agrícolas responde ao consumo doméstico. Colhem suas roças de maneira singular: os pés de mandioca, por exemplo, não são arrancados. As mulheres escavam com um pau apropriado e retiram apenas as raízes maiores, deixando as demais intactas.

Um dos principais resultados do cultivo das roças é a “chicha”, um alimento cotidiano: de mandioca, cará, milho ou batata-doce, tem a consistência de um mingau e é reputada por sua qualidade nutritiva, pois dizem, fortalece e “engorda” os consumidores. Nesta culinária tem-se ao menos uma receita mais elaborada: as mulheres cozinham os pedaços, socam, mastigam e acrescentam



temperos - na época própria, o mel é quase sempre um dos ingredientes. Diferente da "makaloba" Suruí e da chicha Zoró, a dos Cinta Larga praticamente não sofre fermentação, sendo consumida na noite do mesmo dia e nos dias seguintes.

### Caça

A caça é atividade que mais interessa ao Cinta Larga: a ela se dedicam assiduamente e é um dos assuntos preferidos na conversa entre os homens. Para seus fins, despendem inúmeras tardes em suas "oficinas", pequenos acampamentos a cerca de duzentos metros da maloca, no frescor da floresta, onde sós ou em conjunto confeccionam arcos e flechas. Objetos preciosos, os caçadores tudo fazem para recuperar as flechas que dispararam, tomando precauções ao mirar ou trepando, no que são hábeis, nas mais altas árvores.

A caça é praticada ao longo do ano inteiro, porém o rendimento das expedições é variável, havendo um período bastante fraco - talvez devido ao ciclo de migração dos animais - no auge da estação seca (agosto-setembro). Quase todos os animais - aves, mamíferos, peixes e répteis, mas apenas a jibóia entre as cobras - são aproveitados para alimentação. Os mais abatidos, certamente por numerosos, são variedades de macacos e aves, como jacu, jacutinga e mutum. Queixada, caítetu e anta, porém, são os mais apreciados. E a gordura é o principal indicativo para o paladar: quando alguém está limpando a presa, logo perguntam: *Tét kamdák* ("Está gordo?").

A caça, de um modo geral, desenvolve-se em caminho habituais (*bé*), cada qual explorando uma região próxima à aldeia, atingindo um raio máximo de 15 quilômetros ao seu redor, que são periodicamente percorridos pelos caçadores.

Caçadas noturnas não eram praticadas tradicionalmente, porém a introdução de armas de fogo e lanternas vem alterando este padrão. Os Cinta Larga, por outro lado, são peritos em construir esconderijos (*digit*), como também "chamar" os animais, arremedando seu assovio ou grito, com perfeição. Ao fim do período

chuvoso, costumam rastrear e asfixiar a paca e o tatu no buraco, abanando fumaça para o seu interior. E na estação seca, procuram o jacaré nos leitos dos córregos, arrancando-o de dentro das tocas onde se aloja.

A aventura da caça, todavia, não se reduz à sua tecnologia ou à coragem pessoal, antes supõe uma expressão mágica, uma simbologia onírica e uma dieta alimentar - são estas que denotam uma relação essencial entre os caçadores e animais, afeita à sua cosmologia. Verdadeira ética a guiar seus passos, obriga-os a uma cuidadosa preparação anterior ao encontro com a presa, através de um processo que assimila o caçador à sua caça.

Chegando da caçada carregado, o caçador, num gesto algo teatral, joga no meio da casa o *pasapé* (cesta improvisada de folhas de palmeira), ou deixa-o na entrada do caminho para sua mulher buscar. Normalmente, ele já limpou e esquartejou o animal abatido, deixando a carne em pedaços apropriados. A mulher desembrulha e, se for o caso, sapeca os pêlos do couro, antes de colocar as postas na panela.

Na preparação da carne, seja de caça ou de peixe, cozinhar é a principal técnica da culinária Cinta Larga. Se o peixe logo está no ponto, a carne de caça exige uma longa cocção que, iniciada ao cair da noite, dura de cinco a seis horas, no caso dos animais maiores. Temendo os efeitos maléficos dos resíduos sanguíneos, a carne é fervida até que não reconheçam mais nenhum traço de sangue. Regra alimentar crucial, evita-se qualquer contato entre sangue e comida - os Cinta Larga horrorizavam-se, por exemplo, com nosso hábito de levar à boca pequenas feridas nos dedos. Dizem eles que o sangue, se ingerido, traz graves doenças (febres, dores de cabeça, malária etc.). Lavam por isso com areia, criteriosamente, as facas usadas para cortar a caça, e não permitem, de nenhuma maneira, que a carne sangrenta seja depositada nas cestinhas que usam para comer.



Entre os Cinta Larga, a princípio, cada família tem uma cozinha: marido, esposa ou esposas e filhos, formam uma unidade de produção e consumo. Cada uma delas, no canto que ocupa na maloca, acende seu próprio fogo, para cozinhar e, à noite, aquecê-la. Auto-suficientes, mas não estanques, as famílias representam as unidades da troca alimentar, em sua versão diária. Regularmente, articulam-se numa rede de circulação de alimentos que inclui tanto os moradores da aldeia, como os visitantes. A todo momento, pequenos agrados ou petiscos vão de um homem a outro, uma mulher a outra. Sempre corteses, não deixam de acolher numa rede e oferecer cará cozido ou outro bocado, mesmo a um co-residente que apenas aproximou-se para conversar. Ao lado desta série de gentilezas e afetos informais, sobressai um outro circuito, este sim convencional. A rigor, uma etiqueta marcadamente masculina, que distingue dois alimentos, a carne e a chicha, cuja distribuição é considerada obrigatória. Ao lado disso existe todo um jogo sutil de formalidades e acanhamento, ou diríamos, de regras de boas maneiras a serem observadas em relação à comida - ao fazer, ao dar, ao receber e ao comer.

### Coleta

Dentre as atividades de subsistência, a coleta de produtos florestais pode representar, antes de tudo, também ocasiões para comer. É bem verdade que as frutas silvestres, como cacau (*akóba*), pama (*abía*), abiurana (*dēdēna*), jatobá (*madéa*), ingá, patauá (*oykap*) ou pequi (*bixāma*), ainda que muito apreciadas, não passam de guloseimas, visto que pouco influenciam na dieta do período. Importantes são as castanhas (*māmgap*) e o mel de abelhas (*íwít*), em torno dos quais organizam-se expedições à floresta que agregam, em dias normais, duas ou mais famílias - homens, mulheres e crianças. São como passeios, cheios de momentos alegres e prazerosos.

O método da coleta é o mesmo das caçadas. Se alguém localiza uma colméia, dias ou semanas antes, em meio a alguma caçada ou viagem, será ele o *béxipo* ao combinar a expedição com os demais: a golpes de facão limpa as picadas,

derruba ou orienta a derrubada da árvore, abre a colméia e distribui os favos e o mel, e recolhe uma parte maior para sua família.

Nestas expedições de coleta, os homens caminham na frente levando suas armas, atentos aos ruídos, sinais ou movimentos que indicam a proximidade de alguma caça, bem atrás, distanciadas, vêm as mulheres carregando seus bebês, os cestos, panelas e machados, marcando seus passos com o das crianças maiores. Sem se perder, marcham na trilha às vezes quase imperceptível dos maridos - a marca de uma pisada, ali um ramo quebrado, adiante uma folha virada. Além disto, fato interessante, quando andam na floresta os Cinta Larga raramente modificam a ordem inicial da fila indiana: se param para descansar ou saciar a sede num córrego, ao retornar a caminhada ocupam, obsequiosos, os mesmo lugares de antes. Enquanto regra de boas maneiras, hierarquiza o grupo ao caminhar, e com isso revela, mais uma vez, uma forma de organização das atividades coletivas que têm no *bexipó* seu princípio ordenador. Se este na ida segue na dianteira, inverte na volta as posições, ocupando a rabeira da fila. Primeiro ou último, mas sempre um lugar único, necessário, ponto focal.

Entre os tipos de mel aproveitados pelos Cinta Larga, preferem o das abelhas mansas. Abelhas agressivas, mas sem ferrão, com a "xupé" (*arama*), enfrentam-nas porém corajosa e festivamente, aos risos e gritos. O quadro sugere, ainda que não declarado, uma paródia dos embates guerreiros: avançam com as tochas de palha acesas, equilibrando-se pelo tronco da árvore derrubada, para jogá-las sobre a colméia caída; fazendo algazarra, não recuam apesar da nuvem de abelhas enfurecidas, que grudam e mordem no corpo e nos cabelos. Aberta a colméia a machado, em volta a distribuição é feita rapidamente, em grandes pedaços. Só então os homens afastam-se, correndo, e vão saborear os favos com suas mulheres e filhos, à distância. Aos poucos, daí, vão sendo cheias as panelas e recipientes de paxiúba (*daróip*) com mel e pedaços da colméia.

Da mesma forma, no período chuvoso as famílias, duas ou mais, saem para quebrar castanhas, indo aos castanhais conhecidos. Lá, homens e mulheres





recolhem livremente os ouriços espalhados pelo chão - previdentes, na seca incendeiam a vegetação rasteira, sob as castanheiras, para facilitar a procura. Muito apreciada, comem-na a todo instante, como complemento ou só. Bebem chicha mastigando-a junto - gentis, brindam os convidados com amêndoas descascadas. E, socada e assada em cartuchos de palha, fazem uma deliciosa iguaria chamada *mâmdík*.

Petiscos apreciados nas épocas próprias, as mulheres, principalmente, coletam larvas de coleópteros, alojados nos coquinhos de babaçu e tucumã, e de um lepidóptero, que se enrola em folhas. Em dias de novembro, espalham-se todos para recolher as tanajuras (*mamóri*) que voaram dos formigueiros. Larvas e tanajuras, fritam-se para comer.

Afora os alimentos, uma extensa relação de matérias primas leva-os a excursionar pela floresta: as mais diversas folhas e raízes para medicamentos; palhas de açaí, babaçu e tucum para cestos; fibras de tucum e outras para cordas e cordões; coquinhos e *xikába* para contas de colar; pedras arenosas para lixar os colares; tabocas para flautas transversais e de palheta; taquaras para flechas; pupunheira para os arcos; madeiras e enviras para os mais variados usos; bainha das folhas de paxiúba para guardadores de apetrechos e penas; raízes da paxiubinha para raladores; resinas para iluminação etc.

Uma outra relação poderia incluir alguns materiais novos e os produtos "importados" das cidades, integrados agora à vida cotidiana dos Cinta Larga: varetas de guarda-chuva para furadores; alumínio e plásticos para contas e colar; pedaços de metal para cortadores de contas; latas furadas como peneiras; garrafas para guardar mel; facas, facões, machados e enxadas; linhas de nylon e anzóis; espingardas, roupas, sandálias e valises; isqueiros; e inúmeros outros itens.



## Divisão do trabalho

Afora estes, as atribuições são bastante claras. Se não estão cozinhando ou colhendo nas roças, as mulheres absorvem-se, incansáveis, nas tarefas artesanais. Pode-se, a todo momento, vê-las no pátio ou dentro de casa fiando algodão, quebrando coquinhos ou tecendo cestinhas de palha. Confeccionam os seguintes itens: redes de dormir (*iñi*), braçadeiras (*nepóáp*) e pulseiras (*arapéáp*), tipóias para bebês, colares de conta (*bak'ri*), colares de cipó (*amoíp*), cintas femininas (*xiripót*), cestos (*adó*), cestas (*datía*). As panelas de cerâmica (*bosáp*) foram, rapidamente, substituídas pelas de alumínio, não sendo mais fabricadas.

Já o trabalho masculino caracteriza-se pela descontinuidade: esforços intensos na caça ou na roça são entremeados de horas ou dias de descanso. Em casa, dormem nas redes, comem ou bebem chicha e fabricam: cocares, flautas, adornos labiais, furador, pilão, cocho etc. Mas, visivelmente, são os arcos e as flechas os principais artigos dos homens. Além do que foi abordado, resta dizer que, embora artigos de uso pessoal, a quantidade de flechas de uma aldeia está, também, entre as preocupações de um *zápiway*. Convocar seus companheiros para *jápâga* ("fazer flecha"), reunindo-se com ele na oficina, dispor de apetrechos (taquaras, penas, fios, cera), colocando-os à disposição dos demais, supervisionar o trabalho e inspecionar a qualidade das flechas, são formas de estimular sua produção. Outras são as expedições para buscar taquaras, em trechos de cerrados dentro ou fora das suas áreas. Em particular, a festa seria uma ocasião para formar um estoque de flechas, e neste sentido um dos motivos, ao lado de outros, para um *zápiway* promovê-las.

A partir de 1980 começam a fazer a extração da borracha e coleta de castanhas visando a comercialização. O isolamento da área, dificuldades de transporte e a pequena escala da produção propiciam um retorno monetário pouco significativo.

As atividades masculinas são a caça, a derrubada das árvores e o preparo da terra para o cultivo, a confecção de arcos, flechas, flautas, adornos plumários, extração de borracha, pesca, construção da casa e limpeza do mato próximo à aldeia. As mulheres coletam, fiam algodão e fibra de tucum, fazem redes, cerâmica, cuidam da colheita das roças, da alimentação diária, produzem colares e pulseiras. E, como foi dito, homens e mulheres coletam mel, castanha e trabalham no plantio das roças.

Sem dúvida, a presença do garimpo nas terras dos Cinta Larga é o que, de fato, atualmente movimenta a economia local, propiciando o aparecimento de um grupo de chefes com acesso aos principais bens ocidentais, obtidos em troca do diamante explorado pelos garimpeiros.

### CULTURA MATERIAL

O artesanato indígena inclui confecção de cestos, arcos, flechas, colares de coco de tucum, pulseiras também de coco e de dentes de macaco, enfeites plumários para a cabeça e braços, redes de dormir, adornos de palha ou de pele de onça, flautas, pilão, fuso, furadores, adorno de resina para o lábio e outros ornamentos menores.

Para a guerra, os Cinta Larga pintam-se de jenipapo (*wésoa*), com motivos animais ou vegetais e, em tempos passados, cortavam os cabelos muito rentes. Usavam seus cocares de penas de gavião (*katpé*), grossos colares de contas (*bak'ri*) no pescoço e cruzados no peito (*nakósapiap*) e as cintas típicas (*zalâpiáp*), confeccionadas de entrecasca da árvore tauari (*wébép*). Enfeitavam-se ainda com palhas de buriti (*wébay*) enroladas nos braços e nas pernas. Suas armas são o arco e flechas e o tacape, utilizados em situações específicas.

Os arcos (*matpé*), de seção oval, medem cerca de 2 metros, e são fabricados do caule da pupunheira (*jobát*). As flechas (*jáp*), em média com 1,80 metros, consistem de uma haste de taquara onde se encaixa uma ponta com formato de faca, de um tipo de taboca, e, na extremidade inferior, aletas de penas de



gavião ou mutum. Os arcos são resistentes e exigem do arqueiro treino e força física. Há flechas de vários tipos, para aves, macacos, animais de grande porte e pesca, mas sempre elaboradas caprichosamente. Algumas, com parte da haste feita de madeira (*ipép*), dentada e adornadas com trançados de pêlos de caitetu (*Jápsík*), com padrões losangulares. O tacape (*sóká*) é semelhante a uma espada curta, com um metro de comprimento, de cerne de madeira muito dura, preta ou vermelha, e o cabo ornamentado com penas vermelhas e amarelas.

O tacape, substituído hoje pelo terçado (facão), servia para as investidas repentinas ou dissimuladas. Se, por acaso, discutiam com um visitante (*akwesotá*- “falar ruim”, dizem os Cinta-Larga) devido ao “ciúme de mulher” ou outro motivo, e resolviam matá-lo, aproximavam-se com o tacape escondido nas costas, e quando a oportunidade surgia, batiam na nuca do adversário e, ao cair, cravavam-no em seu peito. Este gênero de homicídio era muito freqüente, originando hostilidades constantes entre os vários grupos.

Ainda dentre as técnicas guerreiras, os Cinta Larga têm alguns venenos para passar nos olhos dos contrários, cegando-os temporariamente. *Mórat* é o termo geral para classificá-los, assim como são denominados os “remédios para caça”. Destes *mórat* para guerra, é possível destacar o *bébésirík* (“couro de porco”) e o *wásakoroyáp* (“ventre de anta”), ambos extraídos de casca de árvores.

Conhecem também outros venenos (*pósot*- “coisa ruim”) poderosos, que podem ser adicionados à comida de seus desafetos, provocando-lhes a morte. Esta técnica, todavia, é praticamente restrita ao uso entre os comensais, os que partilham um mesmo espaço social. E mais, é uma forma de homicídio associada às mulheres, não apenas em razão de uma metonímia alimentar, também por tratar-se do único recurso mortífero a que elas têm acesso - e de que se servem para eliminar rivais ou cônjuges indesejados -, ainda que não lhes seja exclusivo.

Como as plantas muitas vezes são usadas como arma de vingança, é importante lembrar que acusações de feitiçaria são constantes entre os Cinta Larga.

Acusações mútuas são responsáveis pelas agressões entre índios, e, caso ocorra mortes, inicia-se uma série de retaliações e expedições guerreiras. Alguns venenos são usados contra as mulheres: os que causam hemorragia mortal, os que causam aborto e outros sua morte. Para ser usado contra qualquer pessoa há o *Po sut*, que misturado à comida faz com que se emagreça progressivamente até a morte.

O artesanato indígena inclui confecção de cestos, arcos, flechas, colares de coco de tucum, pulseiras também de coco e de dentes de macaco, enfeites plumários para a cabeça e braços, redes de dormir, adornos de palha ou de pele de onça, flautas, pilão, fuso, furadores, adorno de resina para o lábio e outros ornamentos menores.

Para a guerra, os Cinta Larga pintam-se de jenipapo (*wésoa*), com motivos animais ou vegetais e, em tempos passados, cortavam os cabelos muito rentes. Usavam seus cocares de penas de gavião (*katpé*), grossos colares de contas (*bak'ri*) no pescoço e cruzados no peito (*nakósapiap*) e as cintas típicas (*zalâpiáp*), confeccionadas de entrecasca da árvore tauari (*wébép*). Enfeitavam-se ainda com palhas de buriti (*wébay*) enroladas nos braços e nas pernas. Suas armas são o arco e flechas e o tacape, utilizados em situações específicas.

Os arcos (*matpé*), de seção oval, medem cerca de 2 metros, e são fabricados do caule da pupunheira (*jobát*). As flechas (*jáp*), em média com 1,80 metros, consistem de uma haste de taquara onde se encaixa uma ponta com formato de faca, de um tipo de taboca, e, na extremidade inferior, aletas de penas de gavião ou mutum. Os arcos são resistentes e exigem do arqueiro treino e força física. Há flechas de vários tipos, para aves, macacos, animais de grande porte e pesca, mas sempre elaboradas caprichosamente. Algumas, com parte da haste feita de madeira (*ipép*), dentada e adornadas com trançados de pêlos de caitetu (*jápsík*), com padrões losangulares. O tacape (*sóká*) é semelhante a uma espada curta, com um metro de comprimento, de cerne de madeira muito dura, preta ou vermelha, e o cabo ornamentado com penas vermelhas e amarelas.

O tacape, substituído hoje pelo terçado (facão), servia para as investidas repentinas ou dissimuladas. Se, por acaso, discutiam com um visitante (*akwesotá*- “falar ruim”, dizem os Cinta-Larga) devido ao “ciúme de mulher” ou outro motivo, e resolviam matá-lo, aproximavam-se com o tacape escondido nas costas, e quando a oportunidade surgia, batiam na nuca do adversário e, ao cair, cravavam-no em seu peito. Este gênero de homicídio era muito freqüente, originando hostilidades constantes entre os vários grupos.

Ainda dentre as técnicas guerreiras, os Cinta Larga têm alguns venenos para passar nos olhos dos contrários, cegando-os temporariamente. *Mórat* é o termo geral para classificá-los, assim como são denominados os “remédios para caça”. Destes *mórat* para guerra, é possível destacar o *bébésirík* (“couro de porco”) e o *wásakoroyáp* (“ventre de anta”), ambos extraídos de casca de árvores.

Conhecem também outros venenos (*pósot*- “coisa ruim”) poderosos, que podem ser adicionados à comida de seus desafetos, provocando-lhes a morte. Esta técnica, todavia, é praticamente restrita ao uso entre os comensais, os que partilham um mesmo espaço social. E mais, é uma forma de homicídio associada às mulheres, não apenas em razão de uma metonímia alimentar, também por tratar-se do único recurso mortífero a que elas têm acesso - e de que se servem para eliminar rivais ou cônjuges indesejados -, ainda que não lhes seja exclusivo.

Como as plantas muitas vezes são usadas como arma de vingança, é importante lembrar que acusações de feitiçaria são constantes entre os Cinta Larga. Acusações mútuas são responsáveis pelas agressões entre índios, e, caso ocorra mortes, inicia-se uma série de retaliações e expedições guerreiras. Alguns venenos são usados contra as mulheres: os que causam hemorragia mortal, os que causam aborto e outros sua morte. Para ser usado contra qualquer pessoa há o *Po sut*, que misturado à comida faz com que se emagreça progressivamente até a morte.

O artesanato indígena inclui confecção de cestos, arcos, flechas, colares de coco de tucum, pulseiras também de coco e de dentes de macaco, enfeites plumários para a cabeça e braços, redes de dormir, adornos de palha ou de pele de onça, flautas, pilão, fuso, furadores, adorno de resina para o lábio e outros ornamentos menores.

Para a guerra, os Cinta Larga pintam-se de jenipapo (*wésoa*), com motivos animais ou vegetais e, em tempos passados, cortavam os cabelos muito rentes. Usavam seus cocares de penas de gavião (*katpé*), grossos colares de contas (*bak'ri*) no pescoço e cruzados no peito (*nakósapiap*) e as cintas típicas (*zalâpiáp*), confeccionadas de entrecasca da árvore tauari (*wébép*). Enfeitavam-se ainda com palhas de buriti (*wébay*) enroladas nos braços e nas pernas. Suas armas são o arco e flechas e o tacape, utilizados em situações específicas.

Os arcos (*matpé*), de seção oval, medem cerca de 2 metros, e são fabricados do caule da pupunheira (*jobát*). As flechas (*jáp*), em média com 1,80 metros, consistem de uma haste de taquara onde se encaixa uma ponta com formato de faca, de um tipo de taboca, e, na extremidade inferior, aletas de penas de gavião ou mutum. Os arcos são resistentes e exigem do arqueiro treino e força física. Há flechas de vários tipos, para aves, macacos, animais de grande porte e pesca, mas sempre elaboradas caprichosamente. Algumas, com parte da haste feita de madeira (*ipép*), dentada e adornadas com trançados de pêlos de caitetu (*jápsík*), com padrões losangulares. O tacape (*sóká*) é semelhante a uma espada curta, com um metro de comprimento, de cerne de madeira muito dura, preta ou vermelha, e o cabo ornamentado com penas vermelhas e amarelas.

O tacape, substituído hoje pelo terçado (facão), servia para as investidas repentinas ou dissimuladas. Se, por acaso, discutiam com um visitante (*akwesotá* - "falar ruim", dizem os Cinta-Larga) devido ao "ciúme de mulher" ou outro motivo, e resolviam matá-lo, aproximavam-se com o tacape escondido nas costas, e quando a oportunidade surgia, batiam na nuca do adversário e, ao cair,

cravaram-no em seu peito. Este gênero de homicídio era muito freqüente, originando hostilidades constantes entre os vários grupos.

Ainda dentre as técnicas guerreiras, os Cinta Larga têm alguns venenos para passar nos olhos dos contrários, cegando-os temporariamente. *Mórat* é o termo geral para classificá-los, assim como são denominados os “remédios para caça”. Destes *mórat* para guerra, é possível destacar o *bébésirík* (“couro de porco”) e o *wásakoroyáp* (“ventre de anta”), ambos extraídos de casca de árvores.

Conhecem também outros venenos (*pósot*- “coisa ruim”) poderosos, que podem ser adicionados à comida de seus desafetos, provocando-lhes a morte. Esta técnica, todavia, é praticamente restrita ao uso entre os comensais, os que partilham um mesmo espaço social. E mais, é uma forma de homicídio associada às mulheres, não apenas em razão de uma metonímia alimentar, também por tratar-se do único recurso mortífero a que elas têm acesso - e de que se servem para eliminar rivais ou cônjuges indesejados -, ainda que não lhes seja exclusivo.

Como as plantas muitas vezes são usadas como arma de vingança, é importante lembrar que acusações de feitiçaria são constantes entre os Cinta Larga. Acusações mútuas são responsáveis pelas agressões entre índios, e, caso ocorra mortes, inicia-se uma série de retaliações e expedições guerreiras. Alguns venenos são usados contra as mulheres: os que causam hemorragia mortal, os que causam aborto e outros sua morte. Para ser usado contra qualquer pessoa há o *Po sut*, que misturado à comida faz com que se emagreça progressivamente até a morte.





## Atividades

### 1 - Viabilizar as ações de gestão ambiental e territorial:

Através do apoio as viagens de fiscalização do território, principalmente dos pontos mais suscetíveis a invasões. Prevemos no programa viagens de monitoramento percorrendo todo território, não obstante a atuação estar atenta para ocorrência de casos emergenciais (invasões), pois os Cinta Larga já sofreram ao longo dos anos perdas irreparáveis em seu território, como degradação ambiental provocada pela ilicitude de madeireiros e garimpeiros, bem como o assédio rotineiro desses dilapidadores naturais da região.

O monitoramento do território nas Terras Indígenas Serra Morena e Parque Indígena Aripuanã é feita sempre por uma equipe indígena, com apoio da equipe da FUNAI, de forma sistemática nas áreas limítrofes do território indígena, seja nos limites naturais ou linhas secas, especialmente nas regiões mais ameaçadas de invasão.

Os Cinta Larga são exímios conhecedores de seu território. A atividade de fiscalização permite um constante exercício de discussão, conscientização da importância da preservação e da defesa da Terra. Nesse sentido, a rotatividade (sempre definida por eles) dos grupos dos homens nas viagens, garante a participação ampla dos Cinta Larga neste processo. Também têm podido aprender, através de alguns referenciais de nossa sociedade, os diferentes usos da terra e o modo de produção (no entorno de sua área) e suas conseqüências. Vão percebendo assim aspectos da dinâmica na qual está estruturada a nossa sociedade, como o latifúndio, a exploração do trabalho, etc. Além disso, os Cinta Larga já dominam o uso de mapas e de tecnologias como GPS, podem contribuir de forma positiva na realização dos trabalhos de fiscalização.



## 2 - Apoio ao extrativismo sustentável da castanha

Deve - se com essa ação apoiar os Cinta Larga no extrativismo sustentável da Castanha - do - Brasil, objetivando a utilização da referida ação como gestão estratégica do território indígena, integrando - a com o monitoramento e vigilância, bem como, a reocupação territorial de forma a garantir a segurança sócio - econômica, promovendo uma melhor qualidade de vida por meio da proteção territorial com a subsistência alimentar e geração de renda.

## 3 - Aquisição de combustíveis

O conjunto compreendido pelas Terras Indígenas: Serra Morena e Parque Indígena Aripuanã se apresentam de forma preservada e intacta. Os Cinta Larga sempre tiveram sua consciência voltada para a preservação dos recursos naturais em seu território, sabendo - se que estes são de fundamental importância para as futuras gerações.

Ante o exposto, relata - se que o referido território se localiza numa região onde a economia local se baseia na indústria madeireira e na extração de minérios, realidade essa, causadora de preocupações quanto ao aliciamento e invasão de suas terras.

As aquisições dos citados combustíveis objetivam o apoio às ações de gestão ambiental e territorial, envolvendo o extrativismo sustentável da castanha, vigilância e fiscalização periódica em conjunto com a FUNAI, IBAMA e parceiros em suas terras indígenas com o monitoramento ambiental no propósito de se consolidar a manutenção e preservação dos recursos naturais por meio da autogestão sócio - ambiental indígena.

ORÇAMENTO DO PROJETO - 2011PLANO DE APLICAÇÃO FINANCEIRA

Item	Natureza da despesa	Valor R\$
1	<b>Material de consumo</b>	
1.1	Combustíveis e lubrificantes gerais	15.000,00
1.2	Aquisição de materiais de construção	25.000,00
	<b>Total 1</b>	<b>40.000,00</b>
2	<b>Serviços de Terceiros</b>	
2.1	Ajuda de Custo - mão - de - obra indígena	35.000,00
	<b>Total 2</b>	<b>35.000,00</b>
	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>75.000,00</b>

Contrapartida

Como contrapartida, os Cinta Larga entram com mão-de-obra nos trabalhos de monitoramento territorial e no apoio às ações do extrativismo sustentável da castanha. A equipe da Coordenação Regional da FUNAI - Juína - MT junto a Associação do Povo Indígena Cinta Larga Eterepuya coordenará a execução financeira e administração do projeto, bem como na assessoria às atividades previstas, principalmente, na organização para o desenvolvimento do programa, disponibilizando seus recursos humanos e sua infra-estrutura para esse fim.

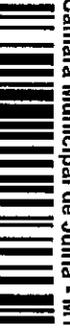
### Cronograma

A duração do Programa de Proteção Ambiental, Cultural e Econômica da Etnia Cinta Larga será de seis meses, com início previsto em Abril de 2017 e término previsto em Setembro de 2017.

ATIVIDADES	MESES 1 A 6					
	01	02	03	04	05	06
Planejamento das ações em conjunto com os Cinta Larga	X					
Ações de vigilância e monitoramento	X	X	X	X	X	X
Extratativismo da Castanha	X	X	X	X	X	X
Melhorias e reformas das Casas Indígenas	X	X	X	X	X	X
Avaliação final e prestação de contas						X

### Cronograma de descentralização dos recursos:

Levando - se em consideração o cronograma de desenvolvimento das atividades previstas, os recursos deverão ser descentralizados em 02 (duas) parcelas, sendo a 1ª (primeira) de R\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil reais) no mês de Maio de 2017 e a 2ª (segunda) de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) no mês de Agosto de 2017, por meio de um convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Juína - MT e a Associação do Povo Indígena Cinta Larga Etereputya com a assessoria e acompanhamento técnico e financeiro da Coordenação Regional da FUNAI - Juína - MT.



**ANEXO:**  
**MEMÓRIA DE CÁLCULO DO**  
**PROGRAMA.**

## ANEXO:

**MEMÓRIA DE CÁLCULO DO PROGRAMA**Memória de Cálculo Detalhada

1º Parcela – Maio / 2017

Item – fiscalização/rituais tradicionais	Quantidade	Preço unit. (R\$)	Total em R\$
<b>1. Yaõkwa – Ritual</b>			
Gasolina	2.272,72 Lts	4,40	10.000,00
Mão-de-obra indígena	05 indígenas	4.000,00	20.000,00
Material de construção	Diversos	Diversos	15.000,00
<b>TOTAL – 1ª PARCELA</b>			<b>45.000,00</b>

2º Parcela – Agosto / 2017

Item – fiscalização/rituais tradicionais	Quantidade	Preço unit. (R\$)	Total em R\$
<b>1. Yaõkwa – Ritual / Apoio</b>			
Óleo diesel	1.250 Lts	4,00	5.000,00
Mão-de-obra indígena	05 indígenas	3.000,00	15.000,00
Material de Construção	Diversos	Diversos	10.000,00
<b>TOTAL – 2ª PARCELA</b>			<b>30.000,00</b>